



Figura 1 - Capa da minissérie 300, escrita e desenhada por Frank Miller e colorizada por Lynn Varley.

Dílios tece a sua teia: descrições tradicionais e redescrições alternativas de espartano e grego



Prof. Dr. Heraldo

Aparecido Silva

UFPI

RESUMO: O presente artigo tem por objetivo analisar a minissérie em quadrinhos *Os 300 de Esparta*, de Frank Miller, a partir das vertentes filosóficas platônica e neopragmatista. Primeiramente, o estudo foca na descrição da obra para, em seguida, apresentar as perspectivas filosóficas que servem de aporte teórico analítico. A leitura filosófica a partir das ideias de Platão e Rorty ocorre mediante a interpretação de temas extraídos da história em quadrinhos.

Palavras-chaves: Quadrinhos; Filosofia; Espartanos; Platonismo; Neopragmatismo.

ABSTRACT: This article analyses the graphic novel *300* by Frank Miller starting from the platonic and neopragmatist philosophical slopes. First, the study focuses on the description of the work to then present the philosophical perspectives that function as analytical theoretical support. A reading from the philosophical ideas of Plato and Rorty occurs through the interpretation of extracted themes of the comic book.

Keywords: Comics; Philosophy; Spartans; Platonism; Neopragmatism.

Os 300 de Esparta

escrita e desenhada pelo

A minissérie em quadrinhos *Os 300 de Esparta*,

norte-americano Frank Miller e colorizada em

aquarela por Lynn Varley, foi publicada em cinco edições no Brasil entre maio e julho de 1999. A história, subdividida em cinco capítulos respectivamente intitulados "Honra", "Dever", "Glória", "Combate" e "Vitória" - que também expressam, de certa forma, o ideário espartano - se passa na Grécia em 480 a.C. - especificamente na Lacônia, situada no sudeste do Peloponeso, cuja capital era Lacedemônia, ou Esparta - e refere-se ao episódio conhecido como a batalha das Termópilas, ocorrido durante as Guerras Médicas ou Pérsicas (492 - 448 a.C.). Nesta batalha, após resistirem a diversos ataques das hordas persas lideradas pelo rei Xerxes, pereceram no desfiladeiro das Termópilas, próximo ao mar Egeu, o rei espartano Leônidas e a sua guarda de elite - composta por trezentos soldados.

Este fato histórico é interpretado e reconstituído por Miller (1999) a partir da ideia de que o rei Leônidas e seus companheiros lutaram não apenas por Esparta, mas pela Grécia e por aquilo que ela simbolizava, a saber, "a única esperança de razão e justiça no mundo" (n.1; n.3) contra crenças, leis e outros "hábitos retrógrados, sombrios e idiotas" (n.5),

"remanescentes inúteis" (n.2) de tempos passados, que visavam "escravizar os únicos homens livres que o mundo já conheceu" (n.4). Assim, nesta versão em quadrinhos da batalha das Termópilas, predomina a ideia de que tanto a influência político-filosófica quanto o legado linguístico-cultural grego - para o mundo e, particularmente, para o ocidente - estariam seriamente ameaçados de inexistência, caso a férrea e exemplar resistência espartana contra as legiões asiáticas não motivasse os demais gregos - a despeito de suas diferenças - a lutarem em prol de uma causa comum.

Em outras palavras, as repúblicas gregas digladiaram não apenas pela soberania de sua nação; mas, principalmente, pela permanência - e posterior aprimoramento - de noções peculiares como, entre outras: o reconhecimento da classe dos homens livres, numa época que primava pela divisão dual entre os senhores e os escravos; a dissociação entre o poder temporal dos reis e o poder atemporal das divindades; e, a liberdade de expressão, verificada nos debates públicos nos quais cada cidadão tinha o direito de emitir e debater sua opinião com os outros, a fim de convencê-los ou

ser por eles convencido por intermédio de argumentação diversa - e não por imposição dogmática.

Platonismo

Bertrand Russell (1872 - 1970), em sua *História da filosofia ocidental*, afirma que para compreender Platão (427 - 347 a.C.) e outros filósofos antigos, é necessário considerar a dupla influência - real e mítica - exercida por Esparta sobre o pensamento grego (Idem, 1957, p. 110). A realidade teria permitido a Platão contemplar a vitória dos espartanos sobre os atenienses na Guerra do Peloponeso (431 - 404 a.C.) - resultado da rivalidade político-econômica entre Atenas e Esparta. O mito teria difundido a crença na permanência do Estado espartano, já que a estabilidade secular de sua constituição contrastava com as constantes revoluções nas leis das demais cidades gregas. Assim, Platão, que se dedicava ao estudo da política e culpava a democracia ateniense pela morte de Sócrates (c.470 - 399 a.C.), teria concebido em *A República*, uma idealização filosófica de Esparta.

No livro VII da obra "A República" estão expostas as ideias platônicas referentes à formação de reis filósofos

- e de bons cidadãos (Platão, 1987, p. 317-362). Primeiro, Platão exemplifica sua concepção de mundo a partir da dramática alegoria da caverna - ou mito da caverna. Trata-se de uma história sobre um grupo de prisioneiros confinados, desde o seu nascimento, no interior de uma caverna. Estão acorrentados de tal maneira que só conseguem olhar para frente. Nesta situação, tudo que vêem são sombras na parede da caverna à sua frente. Tais sombras são projetadas pela escassa iluminação fornecida por uma fogueira que arde atrás deles. Entre a fogueira e os prisioneiros há uma passagem ascendente para fora da caverna. Por esta passagem diversas pessoas entram e saem da caverna conversando e carregando objetos distintos - isto faz com que os prisioneiros vejam variadas formas de sombras e ouçam o eco das vozes dos transeuntes. Em seguida, Platão afirma que um dos prisioneiros, após árdua luta, consegue libertar-se das correntes e fugir. Assim, pela primeira vez, o ex-prisioneiro, pode contemplar algo além daquilo ao qual estava habituado: mais do que meras sombras, ele vê a fogueira, os outros prisioneiros, a passagem ascendente e tudo o mais no interior da caverna. Depois, quando sai da ca-

verna e atinge o mundo exterior, o prisioneiro, além de descobrir a existência de muitas outras coisas, é ofuscado por uma luminosidade ainda maior que a da fogueira: a do Sol. Atordoado, o prisioneiro retorna à caverna em busca de refúgio e, também, para relatar o ocorrido aos seus antigos companheiros - estes, por sua vez, não crêem na voz dissonante do fugitivo e se recusam a serem libertados para compartilhar da mesma 'experiência'. Em contrapartida, os prisioneiros também não conseguem convencer o fugitivo de seu suposto devaneio. Assim, terminam por silenciar, hostilizar e matar o pária (Ibid., p. 317-321).

Se considerarmos *grosso modo*, a *teoria das ideias* (ou *das formas*) de Platão - segundo a qual a *verdadeira realidade* é constituída pelas *ideias* das coisas, que são modelos eternos e imutáveis; e não pelas *coisas* propriamente ditas, que são percebidas através dos sentidos e que configuram tão-somente cópias de tais modelos ideais - e, também, a sua linguagem metafísico-dualista - mundo sensível/mundo inteligível, doxa (opinião)/episteme (ciência), sombra/luz, aparência/essência - podemos interpretar esta passagem da seguinte maneira. Os *prisioneiros*

são a humanidade ignorante - no sentido de não saber, não conhecer. As *correntes* que os retêm são os hábitos retrógrados e nocivos - os vícios, opostos da virtude - que, se não impede, ao menos dificulta o acesso ao conhecimento. Já que as *sombras* são a únicas coisas que os prisioneiros vêem - não possuem outros referenciais - é natural que acreditem nelas como sendo a própria realidade - quando na verdade não é. O *fugitivo* representa o filósofo, aquele que tem acesso à *luz* - ao conhecimento. O percurso até o conhecimento é ascendente e íngreme, assim como a *passagem* que une o interior ao exterior da caverna. Do mesmo modo que a visão necessita de tempo para, de forma gradativa, assimilar as mudanças de tons claros e escuros a que são submetidos os objetos quando passamos das luzes às trevas e vice-versa; a compreensão e a aprendizagem demandam tempo, requerem um período para adaptação. Neste sentido, a missão político-pedagógica do filósofo é a de conhecer a verdadeira realidade, regressar à *caverna* - lugar obscuro, pleno de crenças, aparências e superstições - e instruir os demais. Tarefa nada fácil, visto que as ideias retrógradas são predominantes e costumam condenar, de modo prévio, todo ineditismo.

Assim, Platão delinea um processo, intermediado por etapas entre a percepção sensível e a inteligibilidade plena, a partir do qual seria possível a obtenção do conhecimento. Em outras palavras, após analisar as ciências existentes e os seus respectivos propósitos, ele estabelece um 'currículo' ideal - necessário à formação de filósofos, aptos a governarem a *polis* (cidade) - que deveria consistir basicamente em estudos preparatórios, hierárquicos e sequenciais nas seguintes disciplinas: ginástica, música, artes, matemática, geometria, astronomia e dialética (PLATÃO, 1987).

Em virtude da extensão do legado platônico, muitas de suas ideias não foram aqui abordadas; todavia, faz-se necessária uma pequena e lacunar menção sobre duas noções importantes: a *teoria das formas* ou *ideias* e da *doutrina da reminiscência*. No diálogo platônico *Mênon*, o início do processo de conhecimento é justificado pela doutrina da reminiscência ou *anamnese*, uma precursora solução inatista que sustenta a ideia de que existe um conhecimento prévio, resultante da contemplação das formas perfeitas e imutáveis pela alma imortal. Desse modo, a partir deste exemplo, po-

demos notar que é através da *teoria das formas* ou *ideias* e da *doutrina da reminiscência* que Platão defende a tese segundo a qual o conhecimento é rememoração (WILLIAMS, 2000).

Neopragmatismo

O termo *pragmatismo* designa a corrente filosófica surgida nos Estados Unidos da América, entre meados do século XIX e as duas décadas iniciais do século XX. De modo geral, a origem do pragmatismo é atribuída à Charles Sanders Peirce (1839-1914), William James (1842-1910) e John Dewey (1859-1952), os chamados pragmatistas clássicos. O termo *neopragmatismo*, por sua vez, designa a versão contemporânea do pragmatismo (BORRADORI, 1994).

No artigo *American Pragmatism: The Conflict of Narratives*, Richard Bernstein sustenta que a tradição pragmatista é constituída por narrativas e metanarrativas pluralistas e conflitantes entre si. Neste sentido, segundo John Murphy na obra *O pragmatismo - de Peirce a Davidson*, temos a história do pragmatismo dividida em três fases, assim compreendidas: na primeira fase, temos C. S. Peirce, W. James e J. Dewey - o pragmatismo original, mencionado anteriormente. Na segunda fase - a partir dos anos 30, temos a alian-

ça entre o pragmatismo norte-americano e a filosofia analítica européia (representada por R. Carnap, H. Reichenbach, C. Hempel, O. Neurath e H. Feigl, os positivistas lógicos do Círculo de Viena, que dominaram boa parte dos departamentos de filosofia nos EUA). Neste período e desta combinação se formaram Willard van Orman Quine (1908) e Donald Herbert Davidson (1917), os dois filósofos de maior influência nos EUA na segunda metade do século XX. E na terceira fase - entre os anos 80 e 90, com o pragmatismo contemporâneo - que também recebe outras denominações como *pragmatismo pós-quineano* e *neopragmatismo* - temos, entre outros, W. Quine, D. Davidson, Hilary Putnam, Susan Haack, Charles Taylor e Richard Rorty (PUTNAM, 1997; BERNSTEIN, 1997).

O neopragmatista e anti-platonista Rorty, em *Contingência, ironia e solidariedade*, afirma que a solidariedade humana não deve ser vista como um fato a ser descoberto, mas antes, como um objetivo a atingir. A consecução de tal objetivo não ocorreria mediante a investigação, e sim através da imaginação: "pela capacidade imaginativa de ver em pessoas estranhas companheiros de sofrimento". Para ele, a solidariedade "não é descoberta pela reflexão, mas sim criada"

- na medida em que ampliamos nossa sensibilidade às dores e humilhações dos outros (RORTY, 1994, p. 18).

Rorty acredita poder minimizar a rígida demarcação entre *nós* e *eles*, dificultando a marginalização de pessoas consideradas diferentes, através de um processo que envolve a *descrição* de outros tipos de pessoas e a *redescrição* de nós próprios. Gêneros como a etnografia, o texto jornalístico, o docudrama, o romance e as histórias em quadrinhos, contribuiriam para o aumento de nossa sensibilidade, fornecendo detalhes "sobre tipos de sofrimento suportados por pessoas em que anteriormente não tínhamos reparado"; e também, fornecendo detalhes "sobre os tipos de crueldade de que nós próprios somos capazes" (RORTY, 1994, p. 19). Assim, a realização desse processo não seria tarefa da teoria, mas da narrativa.

Nessa perspectiva, um dos pontos principais da filosofia rortyana diz respeito ao método *ad hoc* da *redescrição*. Para ele, são os cientistas, artistas, poetas, pensadores políticos e filósofos que inventam descrições alternativas acerca da realidade para servirem aos seus diferentes propósitos. São as pessoas

de cada época e lugar que criam vocabulários e decidem qual jogo de linguagem querem jogar. A justificativa para a mudança de um jogo de linguagem por outro reside não-somente na eficácia ou obsolescência: perde-se "gradualmente o hábito de usar certas palavras" e adquire-se "gradualmente o hábito de utilizar outras" (RORTY, 1994, p. 26-27).

As linguagens são construções históricas, culturais e sociais. Deste modo, é a partir da modificação das práticas linguísticas e de outras práticas sociais que novos tipos de seres humanos são produzidos e mundos novos são criados. Em outras palavras, a ferramenta crucial para a transformação cultural concerne ao talento para falar alternativamente, em vez de apenas argumentar logicamente ou convencer retoricamente. Esse procedimento ou método filosófico é denominado de redescritção. Uma vez que os vocabulários interagem com os outros, devemos decidir acerca de quais palavras usar mediante o critério da eficácia, ou seja, temos que considerar se será útil ou prejudicial a interferência que o uso de determinadas palavras acarretará na utilização de outras palavras.

Rorty (1994) acredita que podemos con-

tribuir para a efetivação da solidariedade humana por intermédio da ampliação de nossa imaginação. Segundo ele, isto ocorreria mediante o ato de contar histórias: narrativas dramáticas ou inspiradoras sobre comunidades, instituições e indivíduos que contribuiriam para que as próximas gerações dessem continuidade (e amplitude) aos inacabados projetos pluralistas e igualitários das sociedades democráticas; auxiliariam no aumento da tolerância das pessoas para com a diversidade étnica e cultural; e, finalmente, motivariam ações tais como a invenção de novos vocabulários - através dos quais novos direitos poderiam ser formulados. Estas histórias seriam apresentadas em romances, contos, etnografias, produções cinematográficas, artigos jornalísticos, documentários televisivos, histórias em quadrinhos, músicas, poesias, peças teatrais, Internet e afins.

Em geral, esta seria a esperança rortyana de que os jovens das próximas gerações, ao elaborarem suas próprias narrativas (sob a forma de romances, histórias em quadrinhos, filmes, peças teatrais, leis, instituições etc.) se recordem de ampliar o raio de ação do termo "nós", por mais estranho

ou louco que tal descrição - ou redescricao - possa parecer para muitos de seus contemporâneos. A realizaçao de encontros etnocêntricos (imediatos ou imaginários) entre pessoas de uma mesma cultura ou de culturas diferentes é o que permite a ampliaçao de nossa imaginaçao e consequentemente, a açao do solidarismo e a mudançao de antigas práticas linguísticas por outras: uma medida que, em longo prazo, resulta inclusive na alteraçao - manutençao, aperfeiçoamento, extinçao ou invençao - de hábitos, práticas sociais e instituiçoes sociais e políticas (RORTY, 1991). Em outras palavras, podemos transformar partes do mundo, redescrivendo-o.

Considerações Finais

A relaçao entre o platonismo e o neopragmatismo com *Os 300 de Esparta* pode ser estabelecida, respectivamente, através do tema e da narrativa.

Por intermédio de Russell, podemos entrever o platonismo nas imagens e textos interrelacionados com os quais Miller aborda a temática espartana: a educaçao rígida voltada a formaçao de bons guerreiros; o infanticídio; a estrita observância às leis pelas quais viviam e morriam; a influéncia da mítica figura de Licurgo, o legislador; a religiào politeísta; o embate si-

lencioso entre a crença e a razao, exemplificado pelo poder dos éforos e de suas prediçoes oraculizadas que subjugam o rei Leônidas e a lógica de sua estratégia e tática de guerra; e a exaltaçao da cultura espartana e as críticas desferidas contra a política e o modo de vida ateniense.

No que se refere a Platão, podemos indicar tanto a *alegoria da caverna* quanto os preceitos para a formaçao de reis filósofos - prefiguradas no Livro VII de *A República* - como elementos correntes na temática de *Os 300 de Esparta*. Em ambos os casos, o paralelo pode ser traçado a partir da figura do rei espartano Leônidas. Por um lado, a dramática situaçao descrita na *alegoria da caverna* ressurgue no modo como os argumentos e protestos de Leônidas são subjugados pelo dogmatismo mítico dos éforos; fato que, efetivamente, prejudica a defesa de Esparta na batalha das Termópilas. Por outro lado, a ideia de rei filósofo permite uma breve comparaçao entre - resguardadas as devidas diferenças - Sócrates e Leônidas: ambos demonstravam perícia no manejo de duas armas distintas: a lógica e a espada. Esta interpretaçao torna-se plausível à medida que consideramos o fato de Sócrates ter participado da Guerra do Peloponeso;

e também, de Diôgenes Laêrtios (? séc. III d.C.), em sua *Vidas e doutrinas dos filósofos ilustres*, relatar que Sócrates teria viajado "em expedições militares", nas quais dera provas de resistência e coragem; tendo sido, inclusive, reconhecido como um excelente soldado, com várias menções de bravura (LAËRTIOS, 1988, p. 53).

O neopragmatismo rortyano, por sua vez, ocorre a partir do tratamento dado por Miller ao tema: sem ignorar o particularismo de Esparta, ele acentua a obstinação pela causa grega - e não apenas espartana, atenien- se, árcade, fócida, tebana ou téspia -, pelo predomínio do "nós" sobre o "eles". Outro aspecto interessante refere-se ao fato de Miller - aproveitando-se de algumas lacunas historiográficas no episódio da batalha das Termópilas - inserir na sua narrativa os personagens Ephialtes e Dílios que, *grosso modo*, buscam persuadir seus interlocutores através da narrativa.

A história do voluntarioso e deformado Ephialtes é um fracasso exemplar: é um fracasso porque se trata de um pária que não consegue convencer Leônidas a aceitá-lo nas fileiras dos "trezentos"; e é exemplar porque a sua mera existência acarreta

dúvidas sobre as descrições tradicionais de espartano e grego - e nisso reside a sua vitória. De maneira inversa, o exímio e imaginativo soldado Dílios, triunfa duplamente: primeiro, quando tece suas *etnocêntricas* histórias para os seus companheiros espartanos, motivando-os para a batalha contra os persas; e depois, quando *redescreve* para os demais gregos, a derrota na batalha das Termópilas, mencionando uma enigmática vitória ocorrida além das Termópilas: a união de toda a Grécia contra os invasores persas; a vitória de uma nação contra antigas rivalidades e a esperança na realização de uma nova era de razão, justiça e liberdade.

Referências Bibliográficas

BERNSTEIN, R. J. *American Pragmatism: The Conflict of Narratives*. In: SAATKAMP JR, H. J. (ed.).

Rorty & Pragmatism: The philosopher responds to his critics. Nashville/London: Vanderbilt University Press, 1995.

_____. *Pragmatism, Pluralism, and the Healing of Wounds*. In: MENAND, L. (ed.). *Pragmatism*. New York: Vintage, 1997. p. 382-401.

BORRADORI, G. **The American Philosopher** - Conversations with Quine,

- Davidson, Putnam, Nozick, _____, Danto, Rorty, Cavell, MacIntyre, and Kuhn. **Diálogos**. Trad. José C. de Souza, Jorge Paleikat e João Cruz Costa. Chicago/London: The University of Chicago Press, 1972. São Paulo: Abril Cultural, 1972.
- PUTNAM, H. **Mezzo secolo di filosofia americana: uno sguardo dal di dentro**. h t t p : / / www.symbolic.parma.it/bertolin/fas08.htm, 1997.
- LAËRTIOS, D. **Vidas e doutrinas dos filósofos ilustres**. Trad. Mário da Gama Kury. Brasília: UnB, 1988.
- MILLER, F. **Os 300 de Esparta**. São Paulo: Abril, 1999.
- MURPHY, J. **O pragmatismo - de Peirce a Davidson**. Trad. Jorge Costa. Porto: ASA, 1993.
- PETERS, F. E. **Termos filosóficos gregos**. 2. ed. Trad. Beatriz R. Barbosa. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1983.
- PLATÃO. **A República**. 5ª ed. Trad. Maria Helena da Rocha Pereira. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1987.
- RORTY, R. **Objectivity, relativism, and truth - philosophical papers 1**. Cambridge: Cambridge University Press, 1991a.
- _____. **Contingência, Ironia e Solidariedade**. Trad. Nuno Ferreira da Fonseca. Lisboa: Presença, 1994.
- RUSSELL, B. **História da filosofia ocidental**. Trad. Brenno Silveira. São Paulo: Editora Nacional, 1957.
- WILLIAMS, B. **Platão: a invenção da filosofia**. Trad. Irley F. Franco. São Paulo: Editora UNESP, 2000. 🗨️